

“QUAL É A SUA COR?”

Uma experiência de extensão universitária em
letramento racial

“WHAT IS YOUR COLOR?”

A university extension experience in racial literacy

Tatiane Farias da Rosa Silva¹

Luciana Gonzaga Bittencourt²

RESUMO

Esse estudo é o resultado de uma experiência vivenciada na implementação de um projeto de intervenção de estágio no Centro de Referência de Assistência Social, no município de Maricá-RJ, entre os anos de 2018 e 2019, que gerou atividades extensionistas para formação profissional tanto de acadêmicos quanto de profissionais da área da saúde, assistência social, educação e movimentos sociais. Esse projeto, intitulado “Qual é a sua cor?”, se desdobrou em dois momentos, tendo o início de sua implementação em 2018, através do projeto de intervenção de estágio em serviço social, e em seguida se constituiu como uma oficina extensionista de capacitação em 2020-2021. Para essa iniciativa tivemos apoio institucional da PROEX/UFF, em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos e Secretaria de Política e Defesa dos Direitos das Mulheres, to, bem como da Escola de Governo de Maricá (EMAR). Os locais disponibilizados para implementação do projeto foram: CRAS – Inoã, Plataforma digital da EMAR e dependências da Escola de Governo (EMAR – Maricá). Objetivamos com esse projeto promover letramento racial através da extensão universitária para acadêmicos e profissionais da área da assistência social, saúde e educação. Como resultado, contamos com 50 cursistas, além de quatro facilitadores de aula, bem como usuários do CRAS e equipe técnica desse equipamento. Em suma, a questão racial e o racismo precisam ser discutidos por todas, todos e todes em diferentes espaços da sociedade, especialmente naqueles voltados à formulação e à implementação de políticas públicas. Esse trabalho busca evidenciar a importância da intersetorialidade e interdisciplinaridade entre profissionais, servidores e cidadãos, de modo a promover construção coletiva de estratégias que contribuam para uma sociedade livre de preconceitos e discriminações.

Palavras-chave: Extensão universitária; Letramento racial; Racismo; Educação.

¹ Universidade de Vassouras, RJ, Brasil. Mestre em Serviço Social e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: tatiane-farias95@hotmail.com.

² Escola de Governo de Maricá (EMAR), Maricá. RJ, Brasil. Doutora em Política Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil.

ABSTRACT

This study is the result of an experience lived during the implementation of an internship intervention project at CRAS between 2018 and 2019, which generated extension activities for professional training, both for academics and professionals in the areas of health, social assistance, education, and social movements. This project, entitled "What is your color?", unfolded into two moments, having its implementation started in 2018, through the internship intervention project in social service, and was then constituted as an extension training workshop in 2020-2021. For this initiative we had institutional support from PROEX/UFF, together with the Secretariat for Human and Women Rights of the City Government of Maricá-RJ, as well as EMAR. The locations made available for implementation of the project were: CRAS – Inoã, EMAR's digital platform and the School of Government (EMAR – Maricá). Our goal with this project was to promote racial literacy through university extension for academics and professionals in the areas of social assistance, health, and education. As a result, we had 50 students, in addition to four class facilitators, as well as CRAS users and the technical team of this facility. In short, the issue of race and racism needs to be discussed by everyone and everywhere, especially in places where public policies are implemented. This work intends to make an invitation – a call – to all professionals, civil servants and citizens to think together about different strategies towards a society free of prejudice and discrimination.

Keywords: University extension; Racial Literacy; Racism; Education.

INTRODUÇÃO

Esse estudo é o resultado de uma experiência vivenciada na implementação de cursos e oficinas de capacitação sobre racismo para profissionais da saúde, da assistência social e da educação, bem como representantes de movimentos sociais, particularmente no incentivo à autodeclaração de raça/cor como ferramenta de mitigação das expressões do racismo na sociedade.

As ideias principais desse artigo são provenientes de um projeto de intervenção de estágio realizado no Centro de Referência de Assistência Social, localizado no município de Maricá -RJ, e um trabalho coletivo, na modalidade de curso de extensão, realizado pela Escola de Governo Municipal de Adminis-

tração de Maricá (EMAR), em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), através do Projeto de Extensão Mulherio – Tecendo redes de resistências e cuidados, da sua Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFF).

Trata-se, portanto, do projeto "Qual é a sua cor?", que aconteceu entre os anos de 2018 e 2019 no município de Maricá-RJ e que, posteriormente, gerou uma oficina intitulada "Autodeclaração de raça/cor: uma das ferramentas de enfrentamento ao racismo institucional" como parte do curso de extensão "Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas". Essa experiência em particular aconteceu no ano de 2021, em um projeto da Universidade Federal Fluminense em par-

ceria com a Escola de Governo do Município de Maricá e a Secretaria de Direitos Humanos e Secretaria de Políticas e Defesa dos Direitos das Mulheres.

Objetivamos com este artigo fomentar o incentivo às atividades extensionistas nos equipamentos de implementação de políticas sociais, bem como outros espaços formativos, como forma de estimular a efetivação do letramento racial. Os resultados desses projetos podem dar uma pista para a importância da extensão universitária.

Para tanto, no primeiro momento apresentaremos as experiências na implementação e avaliação do projeto "Qual é a sua cor?" realizado no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, projeto esse que visou ao letramento racial dos usuários do CRAS e da equipe técnica atuante nesse equipamento. No momento seguinte, apresentaremos a expansão desse projeto a um curso extensionista realizado com o seguinte público-alvo: acadêmicos e profissionais da área da assistência social, da educação e da saúde, bem como representantes de movimentos sociais.

Concordamos com Ferreira (2024) no sentido em que o Letramento Racial Crítico constitui um processo de reflexão e aprendizagem que possibilita compreender como raça e racismo atravessam as relações sociais, institucionais e cotidianas, influenciando a construção das identidades e das desigualdades sociais. Nessa perspectiva, o letramento racial ultrapassa o simples acesso a informações sobre relações raciais, configurando-se como uma prática crítica voltada à identificação, problematização e transformação das estruturas racistas presentes na sociedade. Ao promover a ampliação da consciência racial e o fortalecimento de práticas antirracistas, o Letramento Racial Crítico contribui para a

construção de instituições mais comprometidas com a equidade racial e a justiça social.

Desse modo, sinalizamos que A questão racial e o racismo precisam ser discutidos por toda a sociedade. Esse trabalho constitui um convite – e, sobretudo, uma convocação – a profissionais, servidores e cidadãos para refletirmos e construirmos, coletivamente, diferentes estratégias de enfrentar ao racismo, aos preconceitos e às discriminações, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e livre de todas as formas de discriminação.

2. QUAL É A SUA COR? UM PROJETO EXPERIMENTAL EM LETRAMENTO RACIAL NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Nesse primeiro momento, apresentaremos a experiência de extensão do projeto de intervenção de estágio em Serviço Social, intitulado "Qual é a sua cor?", que objetivou a capacitação da equipe técnica e a realização de eventos informativos (sala de espera, roda de conversa e entrevista social) com assistidos pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS em Maricá-RJ, sobre racismo e autodeclaração de raça/cor.

Com o objetivo de contextualizar a escolha do equipamento onde seria realizado o projeto, podemos sinalizar que as finalidades do CRAS são, segundo o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS, 2011), ser a porta de entrada da Assistência Social localizada em região de vulnerabilidade social, para que, com o princípio da territorialidade, assegure direitos e fortaleça os vínculos de convivência entre família e com a comunidade.

Os serviços ofertados pelo CRAS são: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Famí-

lia (PAIF); Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV); Orientação acerca dos benefícios assistenciais; Realização do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal; Oficina para Geração de Renda; Palestras; Orientações em sala de espera; Visitas Domiciliares; Visitas Institucionais.

O público-alvo destinado a esta Instituição é o de famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade social, desproteção social e extrema pobreza, predominantemente feminino, raça/etnia negra, baixo grau de escolaridade, mães de família. Enquadram-se nesse público crianças, idosos, pessoas com deficiência, usuários inseridos no Cad-único (Cadastro Único), beneficiários do Programa Bolsa Família e do BPC (Benefício de Prestação Continuada), entre outros.

A partir dos acompanhamentos de atendimentos sociais no período do estágio no CRAS, identificou-se que, no roteiro da entrevista social, quando se perguntava aos usuários de qual raça/etnia eles se declaravam ser, a maioria não tinha compreensibilidade para responder. Alguns, inclusive, perguntavam às técnicas de que "cor" achavam que eram. Por questão de grande demanda, muitas vezes se tornava inviável às técnicas (assistentes sociais e psicólogas) usarem a entrevista para esclarecimento sobre autodeclaração de raça/etnia. Desta forma, em consenso com a equipe atuante no CRAS e supervisoras (de campo e acadêmica), elabora-se esse projeto de intervenção para capacitação teórica dos técnicos e desenvolvimento de estratégias informativas sobre raça/etnia para os usuários.

Segundo Costa (2015), o processo de disparidade racial pode ser evidenciado até nos dias de hoje, como no acesso a moradias (restando aos negros as mais precárias), menores salários ou desemprego. De fato, as formas como

as relações étnico-raciais e de gênero se desenvolveram no Brasil rebate na realidade da população negra e das mulheres, sendo forte a presença do racismo e do sexismo. Tais relações são fortemente marcadas por uma falsa democracia racial, na qual a população negra, escamoteada em sua identidade étnico-racial, sofreu e ainda sofre as maiores consequências no mercado de trabalho, no acesso às políticas públicas, no assalariamento e em muitos outros elementos da sociabilidade burguesa.

A partir do mito da democracia racial, fortemente incentivado por pensadores do século XX como Gilberto Freyre (livro "Casa Grande & Senzala", de 1933), considera-se que a sociedade brasileira, devido à miscigenação e ao convívio entre diferentes grupos étnicos, teria desenvolvido uma convivência mais harmoniosa entre brancos, negros e indígenas, diferentemente de países segregacionistas, como os Estados Unidos.

A ideia de branqueamento através da miscigenação esteve fundamentada na projeção de que esta, com o passar dos anos, extingiria a população negra da sociedade brasileira. Como resultado desse processo, uma pesquisa do IBGE em 1980 sobre a percepção de cor da população brasileira evidenciou o total de 136 cores apresentadas pelos entrevistados, comprovando os mecanismos de fuga da realidade étnico-racial no Brasil (Moura, p. 63, 1988).

Referente ao CRAS, a autora Costa (2015) ressalta que o MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome) informa que, em 2015, 73,88% dos titulares do Programa Bolsa Família são negros, e com relação ao total geral de titulares do Programa, 93% são mulheres, das quais 68% são negras. São estes beneficiários que detêm prioridade no acesso aos equipamentos públicos da assistência, dentre eles o CRAS.

Esse projeto teve como objetivo geral promover espaço para reflexões sobre raça e etnia, bem como identidade racial e auto-declaração étnica, aos usuários e equipe técnica do CRAS. E, como objetivos específicos, promover informações e esclarecimentos a respeito da identidade racial e autodeclaração étnico-racial aos usuários e à equipe técnica; aprimorar a percepção do Assistente Social e da equipe técnica sobre a Questão Racial e os rebatimentos diretos aos usuários

e na Política de Assistência Social; além de desenvolver um formulário a ser utilizado como instrumento de trabalho da equipe técnica durante a entrevista social com os usuários.

Realizamos esse projeto em duas partes, sendo a primeira com a capacitação da equipe técnica e a segunda com as rodas de conversas com usuários/as do equipamento. Aconteceu da seguinte forma:

Tabela 1. Primeiro bloco de atividades

Público-Alvo	Atividade	Resultado Obtido
Equipe técnica do CRAS: 3 assistentes sociais, 2 psicólogas e 1 coordenador	Duas reuniões com a equipe técnica	- Formulário (questionário) sobre principais questões envolvendo auto-declaração, para ser utilizado pela equipe durante entrevista social. - Cartilha sobre declaração étnico-racial, para ser utilizada na sala de espera.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Em razão de entraves burocráticos institucionais, como cumprimento de demandas e atendimentos, tivemos uma certa dificuldade em reunir a equipe técnica e obter sua adesão às atividades propostas. Por conta disso, a primeira meta do projeto, referente à capacitação profissional, não pôde ser inte-

gralmente alcançada. Contudo, observou-se uma adesão satisfatória aos formulários desenvolvidos, os quais passaram a ser incorporados à prática profissional dos assistentes sociais durante a condução das entrevistas sociais. Posteriormente, as atividades do segundo bloco do projeto foram:

Tabela 2. Segundo bloco de atividades

Público-Alvo	Atividade	Resultado Obtido
Usuários/as do equipamento CRAS.	- Três conversas na sala de espera. - Roda de conversa com usuários/as do equipamento.	- Ficha de avaliação. - Compartilhamento de experiências. - Conhecimento sobre auto-declaração.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Nessas atividades, durante a sala de espera, obtivemos muitas histórias e reflexões sobre a vivência de racismo por parte dos/das usuários/as. Identificamos que a maioria destes não tinha compreensão do motivo de a pergunta da raça/etnia constar no roteiro da entrevista, motivo pelo qual, ao serem informados sobre os dados do IBGE referentes ao combate ao racismo e elaboração de políticas afirmativas, houve uma expectativa por parte dos mesmos. Alguns relataram que compartilhariam essas informações com amigos e familiares, para que esses também entendesse m a importância e cobrassem dos profissionais que essa declaração fosse assinalada corretamente.

Para a roda de conversa com os/as usuários/as do CRAS, sobre a temática de autodeclaração étnico/racial, com o título: “Qual é a sua cor?”, foi elaborado um roteiro. Neste, foram abordadas questões para esclarecimento do que é raça e o que esse conceito representa para a questão racial, desvinculando-o da lógica biologizante do termo. Foi também explicitado sobre etnia no roteiro, justificando que esse conceito se refere à cultura, porém

é usado também na reprodução do racismo.

A partir dessa atividade, foi apresentada a importância da identidade étnica para o fortalecimento das lutas antirracistas. Elaboramos uma explicação sucinta sobre a importância da autodeclaração nos formulários da entrevista social, e para tanto justificamos que esses dados servem de base estatística para a elaboração de programas e políticas afirmativas.

Também nos desdobramos em abordar questões cotidianas que representam o racismo, usando exemplos de fácil expressão do racismo e suas formas. Todas essas questões foram pensadas para serem abordadas de forma dinâmica e com o máximo de participação possível dos/das usuários/as.

Podemos sinalizar que a dinamicidade que objetivamos foi efetivada, ao perceber que tanto os usuários como a equipe técnica apontaram seus posicionamentos e suas dúvidas sobre a temática. Dividimos as principais dúvidas em blocos, que apresentamos na tabela a seguir:

Tabela 3. Dúvidas que surgiram nas atividades

Dúvidas da Equipe Técnica	Dúvidas de Usuários/as
Racismo “reverso”. Só pensar racismo para pessoas negras (Ex.: “Eu, por exemplo, fico muito magoada quando as pessoas se referem a mim como branquela.”).	Colorismo. Nuances de cor de pele como sinal de racismo. (Ex.: “Estava no ônibus, não havia lugar e uma pessoa se ofereceu para segurar meu bebê. Quando chegou a hora de descer, a moça não quis me devolver meu filho porque disse que ele era branco e eu era negra, por isso não poderia ser a mãe dele. Tive de mostrar todos os documentos para comprovar que ele era mesmo o meu filho.”).
Dificuldade de compreensão das classificações: negros, pretos e pardos.	Racismo no mercado de trabalho. (Ex.: “Me candidatei a um emprego e não consegui porque não tinha a aparência exigida”).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Para o serviço social e a equipe técnica, acontece a não implicação de sua ação profissional; ou seja, na medida em que a equipe não compreende a importância ou o objetivo dessa questão, há uma oposição em pesquisar, compreender e intervir na mesma, subalternizando a questão racial como apenas uma expressão da questão social e não como um elemento estrutural e estruturante da ordem capitalista. Se o equipamento e a equipe técnica não têm conhecimento aprofundado sobre a questão, os usuários não terão acesso a essas informações, reforçando o ciclo de produção e reprodução do racismo estrutural.

3. A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA DA OFICINA "AUTODECLARAÇÃO DE RAÇA/COR: UMA DAS FERRAMENTAS DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO INSTITUCIONAL"

Neste segundo momento do artigo, abordaremos a extensão universitária, na modalidade da oficina de extensão que aconteceu entre os anos de 2020 e 2021 no município de Maricá-RJ.

Essa oficina de capacitação surge como extensão do minicurso "Racismo, Educação e Políticas Públicas". Trata-se de um projeto inicial de capacitação de acadêmicos e profissionais do município de Maricá-RJ, que será especificamente voltado à capacitação de profissionais ligados à assistência social, educação, saúde e movimentos sociais do município.

A oficina deriva do projeto de intervenção de estágio em Serviço Social, intitulado "Qual é a sua cor?", que objetivou a capacitação da equipe técnica e a realização de eventos informativos (sala de espera, roda de conversa e entrevista social) com assistidos pelo CRAS

Inoã/Maricá-RJ, sobre racismo e autodeclaração de raça/cor, conforme apresentamos no tópico anterior.

Essa extensão teve a seguinte organização: quatro aulas online disponibilizadas na plataforma da EMAR e uma oficina presencial, que aconteceu no auditório da EMAR, com quantidade de ouvintes limitada devido às condições sanitárias durante o período de pandemia da COVID-19.

A ementa do curso foi estruturada a partir dos seguintes conteúdos programáticos: discussão sobre a questão racial e seus desdobramentos na sociedade contemporânea; análise do racismo como fenômeno estrutural e estruturante da ordem capitalista, com ênfase nas especificidades do racismo brasileiro; reflexão acerca da autodeclaração de raça, cor e etnia, bem como do mito da democracia racial; estudo do papel dos movimentos sociais e das organizações coletivas no enfrentamento ao racismo; debate sobre as contribuições do Serviço Social e da Psicologia para a construção de práticas antirracistas; e, por fim, análise de estratégias para o enfrentamento do racismo no âmbito da política de assistência social do município de Maricá.

Ao todo, contamos com 50 (cinquenta) participantes no curso online e 26 (vinte e seis) participantes da oficina presencial, compondo esse quadro: profissionais da educação, profissionais da saúde, profissionais da assistência social, representantes de movimentos sociais, discentes de cursos de graduação da Universidade de Maricá e gestores de três municípios do estado do Rio de Janeiro, além de quatro facilitadores de aula.

O curso se estruturou em quatro aulas online e uma oficina presencial – a saber:

Tabela 4. Estrutura do curso

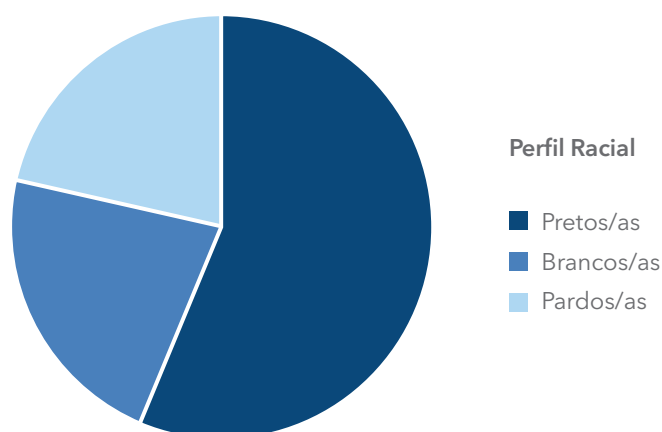
Aulas	Conteúdos
Aula 1 - Modalidade EaD	Conceitos Gerais: questão racial, racismo e mito da democracia racial
Aula 2 - Modalidade EaD	Organizações Coletivas e Movimentos Negros no enfrentamento ao racismo
Aula 3 - Modalidade EaD	Combate ao Racismo nas especificidades de Maricá
Aula 4 - Modalidade EaD	Eu me declaro Negra e assumo: a importância da autodeclaração
AuOficina Presencial	Autodeclaração como Ferramenta contra o Racismo Institucional

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Como resultado, esse projeto capacitou servidores em áreas estratégicas na rede de assistência do município de Maricá (saúde, educação, secretaria da mulher e assistência social), contribuindo para a criação de propostas que considerem a interseccionalidade (raça, gênero e classe social) nas ações intersetoriais do município, além de ter introduzido o debate para discentes de cursos de graduação que tiveram suas pesquisas inspiradas nessa extensão.

O perfil dos participantes do curso foi majoritariamente feminino, sendo composto por 97% de mulheres e 3% de homens (não houve identificação das demais nuances de gênero, sendo possível uma investigação mais apurada sobre o assunto em outro momento oportuno). Além disso, temos o perfil racial e de ocupação, que apresentaremos nos próximos gráficos:

Gráfico 1. Perfil Racial dos Cursistas

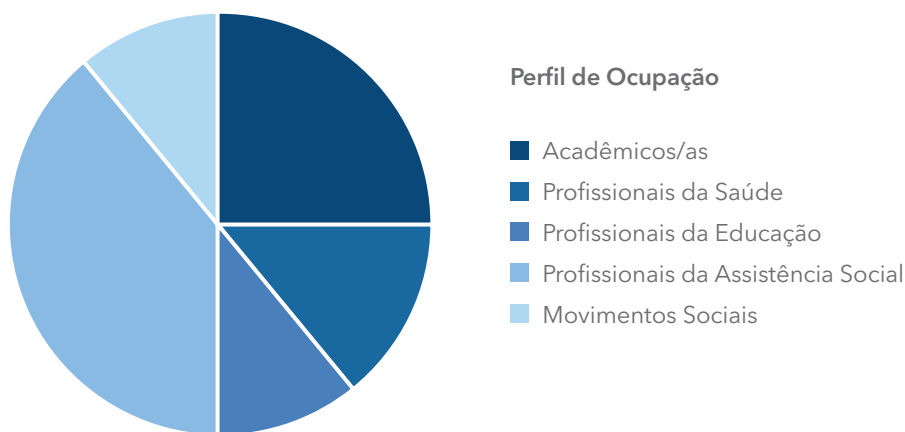


Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Cabe ressaltar que é necessário o espraio de tal temática para todos os setores da sociedade. Desta forma, é importante apontar a relevância dessa capacitação, ao

dar conta de alcançar a academia, profissionais da saúde, educação e assistência, além de movimentos sociais.

Gráfico 2. Perfil de Ocupação dos Cursistas



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

De fato, o mecanismo de dominação social que perdura até hoje, de forma a remanejar aparelhos e mecanismos que mantêm e reproduzem o racismo, tem como objetivo manter as pessoas negras em espaços sociais permitidos pela classe dominante, fundamentado na ideia de que as manifestações de não conformação realizadas pela população negra a categorizavam como um ser irracional, com patologias sociais e até mesmo biológicas (Silva, 2022).

Em suma, percebemos que a questão racial participa da base estrutural dessa sociedade e, portanto, se expressa nas relações sociais nas mais diversas áreas. Por isso, deve ser incluída como pauta não apenas no seio acadêmico, mas também na atuação profissional, visto que se conforma no cotidiano da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência extensionista foi de suma

importância para a aproximação da pesquisa científica e do saber acadêmico com a militância social, sociedade civil e profissionais que atuam diretamente com as pessoas; neste caso, profissionais da assistência social, saúde e educação. É um processo de educação racial potencializador, pois reúne um conjunto de práticas educacionais com o intuito de desconstruir formas de pensar e agir naturalizadas e normalizadas socialmente em relação ao racismo. Consideramos que essa foi uma experiência valiosa para a efetivação do letramento racial.

Buscamos fomentar reflexões que pudessem desconstruir os diferentes olhares, ainda engessados, que intensificam e naturalizam as diferentes violações de direitos sofridas por pessoas negras. Como a proposta foi capacitar acadêmicos, militantes e profissionais, tivemos o cuidado de produzir um material que servisse como instrumento em todos esses espaços para enfrentamento do racismo.

É importante ressaltar que, embora seja um material destinado ao município de Maricá, o documento que foi abordado ao longo das aulas e desse artigo tem dimensão mais ampla, pois compreendemos as opressões de raça como estruturais e estruturantes da ordem societária capitalista. Ou seja, não nos compete afirmar que esse é um documento que objetiva enfrentar o racismo no município de Maricá, como se fosse um problema focalizado, mas reafirmamos que este, como um município que comporta a ordem social capitalista, não está imune às formas de opressões.

Experiências semelhantes vêm sendo desenvolvidas em diferentes regiões do país, reforçando a relevância do letramento racial como estratégia formativa e de enfrentamento ao racismo institucional. Em Belém-PA, por exemplo, iniciativas vinculadas à extensão universitária, à rede municipal de educação e a órgãos públicos estaduais têm promovido processos continuados de formação antirracista voltados a educadores, servidores públicos e agentes sociais, evidenciando o potencial transformador do letramento racial na qualificação das práticas profissionais e institucionais (Junior, *et*

al. 2025). Essas experiências demonstram que a construção de uma consciência crítica acerca das relações raciais não apenas favorece a identificação e o enfrentamento das desigualdades, mas também contribui para o fortalecimento de políticas públicas comprometidas com a equidade racial. Nesse sentido, a experiência aqui apresentada se soma a um movimento mais amplo de produção de conhecimentos e práticas antirracistas, reafirmando a urgência de se investir em processos formativos permanentes capazes de enfrentar os desafios impostos pelo racismo estrutural e institucional no Brasil.

Em suma, pensar sobre o racismo é também questionar práticas e estruturas que contribuem para a manutenção das desigualdades. É, portanto, assumir o compromisso de transformar a reflexão em ação e de construir, coletivamente, estratégias capazes de enfrentar tais desigualdades estruturais. Afinal, uma sociedade verdadeiramente justa não se constrói apenas pelo desejo de superação do racismo, mas pela disposição cotidiana de reconhecer-lo, enfrentá-lo e erradicá-lo. Assim, demonstra-se como a extensão universitária é uma estratégia essencial para a formação interseccional, intersetorial e transdisciplinar.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Parâmetros para Atuação dos Assistentes Sociais na Política de Assistência Social**. 1 ed. Brasília: CFESS, 2011. 38 p. (Série Trabalho e Projeto Profissional nas Políticas Sociais, 2). Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/Cartilha_CFESS_Final_Grafica.pdf. Acesso em: 05 jun. 2026.

COSTA, Gracyelle. O Serviço Social e as relações étnico-raciais e de gênero na política de Assistência Social. In.: **IV SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES**, 4., Uneb, 2015. Disponível

em:<https://www.paulus.com.br/assistencia-social/wp-content/uploads/2017/03/O-SERVIC%CC%A7O-SOCIAL-E-AS-RELAC%CC%A7O%CC%83ES-E%CC%81TNICO.pdf>. Acesso em: 21 set. 2026.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico: o que é**. 2024. Disponível em: <https://aparecidadejesusferreira.com/letramento-racial-critico/letramento-racial-critico-o-que-e/>. Acesso em: 05/06/2026.

JUNIOR, Alexandre Magno do Carmo Macedo *et.al.*

FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO PÚBLICO DE BELÉM-PA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SOBRE AUTODECLARAÇÃO E COTAS RACIAIS. *In.*:

XVIII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2025, Salvador. 18º CBAS – **Anais, 2025**. Disponível em: https://cfess.org.br/cbas2025-assets/pdf/625-1282226_11_08_2025_10-51-39_3822_v4.pdf.

Acessado no dia: 02 jun. 2026.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, Tatiane Farias da Rosa. Assistente Social e o Combate ao Racismo: O que temos a contribuir? *In.*: **XVII Congresso Brasileiro de Assistente Sociais**. 2022.

Disponível em: <https://cbas.silvaebrisch.com.br/uploads/ finais/0000000518.pdf>. Acessado no dia: 21 set.2026.

Recebido em: 15/04/2025

Revisado em 09/06/2026

Aprovado em: 13/10/2026